

Sobre dominação/submissão e sadomasoquismo na margem¹

Fátima Regina Almeida de Freitas – PPGAS-UFG/Goiás

Resumo: Refletir sobre práticas sexuais que envolvem dor em contextos consensuais é falar sobre outras formas de vivenciar os corpos na busca por prazer, é falar de uma sexualidade descolada da genitalidade e do orgasmo, é vivenciar limites. E pensar estas práticas estando deslocada dos “centros” onde essas discussões geralmente acontecem é também subverter. A pergunta que escuto geralmente é: existem pessoas que praticam sadomasoquismo em Goiânia? Posso responder de antemão que sim, há pessoas. E é na interlocução com essas pessoas que pretendo pensar a prática BDSM (Bondage & Disciplina; Dominação & Submissão; Sadomasoquismo). Como os limites do corpo e a dor podem ser vividos? Como masculinidades e feminilidades são negociadas/rompidas/reafirmadas aqui? Como conciliar feminismo e BDSM? Onde coloco minha subjetividade em campo? Eis algumas questões com as quais me envolvo.

Palavras-chave: sadomasoquismo, sexualidades dissidentes, poderes

Introduzindo²

Apresento aqui o início e minhas reflexões no Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Goiás que iniciei em 2010 e gostaria de contar um pouco sobre as voltas que dei até chegar aqui. Desde o começo da graduação ao me envolver em um grupo de estudos/pesquisas sobre gênero e sexualidade me interessei pelo que na época chamávamos³ “práticas sexuais não convencionais”⁴, nesta época li tudo que encontrei (em português e espanhol) sobre zoofilia, necrofilia, sadomasoquismo, pedofilia, “travestismo” e tantas outras práticas/desejos entendidos (inclusive pel@s autor@s a que tive acesso na época) como desvios, aberrações, crime ou pecado⁵. Com um pouco mais de leitura descobrimos os termos sexualidades

¹ Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil. No Grupo de Trabalho 18: Corpos, sexualidades, identidades dissidentes: que direitos, quais desejos.

² Decidi nomear as “partes” do texto com verbos que tratam exatamente de penetração, ou seja, da genitalidade do sexo, para “brincar” com a própria subversão que o sadomasoquismo traz.

³ Nós: eu e meu orientador de Iniciação Científica, Luiz Mello.

⁴ Por sexualidades convencionais, entendíamos práticas sexuais que estavam centradas na penetração e na genitalidade, nesta categoria, portanto não estariam as sexualidades lesbo-homo-bissexuais.

⁵ Freud (2002), Posterli (1996), Rodrigues Jr. (1991) Storr (1978), Stoller (1998), Torres (1997).

periféricas e sexualidades dissidentes⁶, gosto de ambos, pois o primeiro pontua a relação centro/periferia (de que falarei a seguir) e o segundo dá visibilidades as dissidências, trata de corpos/prazeres/desejos/sexualidades que estão na margem.

Agora no mestrado, sob a orientação da professora Custódia Selma Sena, pretendo amadurecer todas essas discussões e desenvolver uma etnografia sobre o BDSM em Goiânia.

Penetrando na margem⁷

Por que falar de margem? Bem, essas sexualidades estão fora da norma, da heteronormatividade⁸, por isso falamos⁹ de margem e é importante falarmos, mas é importante também a margem falar de si. Trago aqui reflexões que faço a partir de questionamentos que podemos/devemos fazer em campo, tais como: podemos falar d@ outr@? Quem fala d@ outr@? @ outr@ pode falar por si mesm@? Essas reflexões foram iniciadas quando @s “nativ@s” puderam falar de si, começaram a escrever sobre si mesm@s, entraram nas universidades e começaram a questionar o “conhecimento” produzido sobre el@s. (SILVA, 2000)

Voltando às margens ou aos limites externos (sempre), falar de margem é também subverter, falar de sexualidades não assumidas, desejos não ditos, prazeres não assumidos, não concebidos, não compreendidos. Mas trazer margem aqui é também falar de Goiás, de uma Universidade que não é tão valorizada, nem tão estabelecida como outras, é trazer a margem pro centro ou tornar o centro margem, ou fazer de tudo margem. O fato é que Goiás não é - ainda - um lugar “reconhecido” por estudos de sexualidades e está fora do eixo sudeste-sul, onde geralmente acontecem as discussões e os eventos sobre a temática. E mesmo assim podemos ousar falar, conquistar espaços e contribuir nas discussões.

Fernando Seffner em uma comunicação apresentada no “Seminário Nacional Das margens ao centros: gênero, sexualidade e direitos humanos”¹⁰, defende uma maior

⁶ Termo utilizado por Gayle Rubin (1989) para falar de sexualidade que não encontram dentro da aceitabilidade, legalidade e respeito, tais como: sexo em grupo, sexo não-reprodutivo, homossexual, que envolve trocas financeiras, sadomasoquismo, etc.

⁷ Ver nota 2.

⁸ Termo que pode ser utilizado não apenas para falar de homo-transexualidades-travestilidades, mas também pra tratar das sexualidades “fora” da norma heterocentrada, “coitocentrada”.

⁹ O nós aqui é pra abraçar tant@s pesquisador@s, teóric@s, pensador@s, militantes que buscam pensar a parti deste lugar de fala.

¹⁰ Este texto está no cd-room do evento e uma versão melhorada foi publicada também na Revista Bagoas – Estudos gays, gênero e sexualidade, v. 3, nº 4, jan.jun. 2009, a citação a seguir é da revista.

circulação entre margens e centros e fala também que não queremos ser centro, queremos garantias de direitos sendo margem, não queremos ser curados, nem salvos da margem, “queremos não apenas ter todos os direitos de quem hoje está no centro, com também queremos inventar novos direitos , sem ser centro (será possível?)”. (SEFFNER, 2009:49)

E se tratando de estudos que envolvem sadomasoquismo, nunca foi realizado algum que pesquisasse o centro-oeste. Há trabalhos sobre São Paulo (LEITE JR, 2000; Braz, 2010), Belo Horizonte (BRITTES, 2006), Rio de Janeiro (MELO, 2010). Embora em Brasília, por exemplo, tenha um grupo organizado de práticas sadomasoquistas. Meu interesse (e minha pesquisa) tem intenção de contribuir desta forma, falando com pessoas que vivenciam estas sexualidades da margem na margem.

Treando com BDSM

Meu referencial teórico situa-se no campo dos estudos de sexualidades e gênero, relacionando identidades sexuais, identidades de gênero, práticas sexuais, corpos e poderes. Para a discussão teórica e estudos sobre o tema utilizo autor@s como Michel Foucault (2001), que além da História da sexualidade, concedeu diversas entrevistas onde fala sobre a prática S/M; Gayle Rubin (já citada), antropóloga feminista lésbica que realizou pesquisa etnográfica com homens gays leather¹¹ de São Francisco; e Liliana Villa (s/d) que fez pesquisa de em uma comunidade de lésbicas sadomasoquistas em Nova York.

A sigla BDSM é nativa e pode ser traduzida por: BD= Bondage¹² & Disciplina; DS= Dominação & Submissão; SM= Sadomasoquismo. O BDSM que falamos aqui envolve dor e prazer em contextos consensuais.

No BDSM, o corpo – e não apenas os órgãos genitais - é visto como fundamental em sua totalidade, pois aqui ele é amplamente utilizado e erotizado. Valorizam-se as múltiplas e diversas formas de sentir e estimular o corpo, ocorrendo uma ruptura com o imperativo da genitalidade e recorrendo-se a um vasto leque de objetos e recursos de excitação erótica. Uma cena S/M pode ser pensada enquanto performance, onde são encenados/representados diversos desejos, um lugar privilegiado para vivências de fantasias. O uso de acessórios como roupas, correntes, botas, cadeados, vendas e técnicas como amarração e fist fucking podem fazer parte da

¹¹ Couro. Símbolo do fetichismo e outras práticas afins.

¹² Amarração/Imobilização com cordas, algemas, lenços.

encenação. Algo interessante de se notar é que enquanto as pessoas se despem para o sexo convencional, os praticantes do BDSM se vestem para fazer sexo. (Leite Jr., 2000)

Nesta cena ocorre à negociação de scripts eróticos, havendo basicamente dois papéis: top/sádica(o)/dominador(a) e bottom/masquista/submissa(o). Além destas, há também a categoria switcher, alguém que trafega entre as outras duas, que sente prazer ao ocupar as duas posições, numa mesma ou em diferentes cenas S/M. O adjetivo sádico enfatiza uma relação onde os limites do corpo serão testados e a dor está presente, enquanto o termo dominador enfatiza o caráter psíquico, a tortura psicológica, a humilhação verbal. O recurso às palavras top e bottom, originárias do inglês, é uma tentativa de eufemizar o sentido patologizante decorrente da alusão a Sade e a Masoch intrínseca ao sadismo e ao masoquismo, mas, para alguns praticantes, estes termos esvaziam o sentido, a imagem e a mensagem que querem passar enquanto adeptos de práticas BDSM (Califia, 2005).

Embora se remeta muito à dor quando se fala em BDSM, o que une as letras e dá sentido às práticas são as relações de poder. Para Foucault o S/M, é uma encenação de estruturas de poder, onde o corpo se coloca estrategicamente, se brinca com a autoridade e ser dominado ou dominar são posições fluidas. (FOUCAULT, s/d)

Podemos refletir se o que o BDSM traz de dissidente. Seria a dor e a dominação no centro? A “inversão” das hierarquias de gênero? A quebra com o sexo genital? Ou há apenas continuidades?

Metendo metodologia

Outra pretensão minha¹³ é questionar/problematizar sobre antropologia e trabalho de campo. Refletir sobre nosso corpo/nossa sexualidade/nosso desejo/nosso gênero em campo, a pergunta que fica é: podemos/devemos nos envolver sexualmente/afetivamente com noss@s interlocutor@s? Como fica o distanciamento quando se pesquisa algo do qual se faz parte?

Podem parecer óbvias as respostas para as perguntas e muit@s diriam que a antropologia questiona isso há muito tempo, mas quando tratamos de sexualidade o conselho que se escuta é: não se envolva, o que pode ser entendido por: não transe em campo. Vári@s pesquisador@s (BENITEZ, 2009; BRAZ, 2010; PELÚCIO, 2007; MATOS, 2005) que estudam sexualidades têm falado de seus corpos/desejos em campo,

¹³ Agora posso falar só por mim mesma.

mas a pergunta fica: qual o problema em transar em campo? Muitas pessoas podem transar em campo, mas não podem falar sobre isso, pois seus trabalhos seriam deslegitimados. É necessário censurar nosso corpo e nosso desejo? E onde fica o corpo e o desejo de noss@s interlocutor@s? Até onde é necessário trocar a tese pelo tesão ou o tesão pela tese?¹⁴ Podemos experimentar mais prazeres em campo? Fica a questão.

Bibliografia

BENITEZ, María Elvira Diaz. *Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2009.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz... Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

BRITTES, Rogério. *Bondage, Dominação e Sadomasoquismo: Esboço de uma teoria etnográfica da rede BDSM*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CALIFIA, Pat. “El lado secreto de la sexualidad de las lesbianas”. Disponível em: <http://monografiassexualidad.blogspot.com/2006/10/anexos.html>. Acessado em: 15 de maio de 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I - a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. “Sexo, poder e a política da identidade.” Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>. Acessado em: 26 de setembro de 2007.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GREGORI, Maria Filomena. “Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shps e S/M”. In: CARRARA, Sérgio; GREGORI, Maria Filomena e PISCITELI, Adriana (orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 235 a 255.

LEITE JR., Jorge. *A CULTURA S & M*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

¹⁴ A referência é um vídeo chamado “O rock da lingüística antropológica”, que pode ser acessado através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=uySnuBxrllc>.

- MATTOS, Luiz Fernando Rojo. *Vivendo, nu "paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- MELO, Marília Loschi de. Atribuição e negociação de identidades em festas BDSM no Rio de Janeiro. *Intratextos*. Rio de Janeiro, Número Especial 01, 2010, p.65-84.
- PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2007.
- POSTERLI, Renato. *Transtornos de Preferência Sexual - Aspectos Clínico e Forense*. Belo Horizonte: Del Rey, 1996.
- PULET, José M. Martinez. La construcción de una subjetividad perversa: el S/M como metáfora política y sexual. In: CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier y VIDARTE, Paco (eds.). *Teoría queer- Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Egales, 2005, p. 213-228.
- RODRIGUES JÚNIOR, Oswaldo M. *Objetos do Desejo: Variações Sexuais, Perversões e Desvios*. São Paulo: Iglu, 1991.
- RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Revolución Madrid, p.157-209, 1989.
- _____. "Tráfico Sexual – Entrevista". Realizada por Judith Butler. *Cadernos Pagu – Olhares Alternativos*. Campinas, nº 21, segundo semestre de 2003, p. 157-209.
- SEFFNER, Fernando. Resistir e (é) multiplicar a circulação entre margens e centros: idéias um pouco desarrumadas. *Bagoas – Estudos gays, gênero e sexualidade*, v. 3, nº 4, jan.jun. 2009, p. 43-58.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EdUSP, 2000.
- STOLLER, Robert J. *Observando a Imaginação Erótica*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- STORR, Anthony . *Desvios sexuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.
- TORRES, Basilio martinez. Personalidad y cultura em la subcultura sexual sadomasoquista – una aproximación psicolosociologica. *Revista de sexología*. Madrid, nº 56, 1997, p. 05-57.

VILLA, Liliana Gómez .”El sadomasoquismo como práctica sexual consensuada. La experiencia de las lesbianas”. Disponível em: <http://monografiassexualidad.blogspot.com/2006/10/el-sadomasoquismo-como-prctica-sexual.html> . Acessado em: 15 de maio de 2007.

ZILLI, Bruno Dallacort. A perversão domesticada: *Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.